

TINTAS NATURAIS E EXPLORAÇÃO DA NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ARTE QUE BROTA DO CHÃO

Joelma Silva de Paula ¹

Ana Paula dos Santos Bandeira ²

Márcia de Melo Dórea ³

Denise Ana Augusta dos Santos Oliveira ⁴

RESUMO

O presente artigo relata uma experiência pedagógica desenvolvida na Educação Infantil com a Turma 43, envolvendo o uso de tintas naturais como recurso didático e de expressão artística. A atividade foi realizada ao ar livre, utilizando materiais acessíveis como água, cola branca, temperos naturais (açafrão, farinha de uva e colorau), argila, bem como pincéis artesanais feitos com gravetos, folhas, mato e barbante. As crianças demonstraram entusiasmo e criatividade, explorando livremente as cores e texturas, o que favoreceu o desenvolvimento sensorial, a socialização e a expressão individual. Os dois alunos autistas da turma participaram ativamente, o que ressaltou o caráter inclusivo da proposta. A exposição dos trabalhos em um varal no corredor da escola valorizou a produção infantil e promoveu a integração com a comunidade escolar. A pesquisa está fundamentada em abordagens sociointeracionistas e na pedagogia da escuta, considerando a natureza como elemento central do processo de ensino-aprendizagem. O estudo foi conduzido sob a perspectiva qualitativa, com observação participante como principal instrumento metodológico. Os resultados apontam que atividades como essa promovem vivências significativas, potencializam o contato com a natureza e incentivam a sustentabilidade desde os primeiros anos escolares. Além disso, reforçam o papel do educador como mediador de experiências que dialogam com o cotidiano e o meio ambiente, favorecendo a formação de sujeitos sensíveis, criativos e conscientes.

Palavras-chave: Educação Infantil, Tintas Naturais, Sustentabilidade, Arte e Natureza, Inclusão.

INTRODUÇÃO

¹ Bolsista Pibid e Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Grande Rio Unigranrio/RJ, joelmasilvadepaula7@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Saúde – Unigranrio/RJ, anafabio.bandeira@gmail.com;

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde – Unigranrio/RJ, marcia.dorea@unigranrio.edu.br;

⁴ Professora Orientadora Doutora em Educação em Ciências e Saúde – UFRJ e Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde – Unigranrio/RJ, prof.deniseana@gmail.com.



A educação infantil é um campo fértil para o desenvolvimento integral da criança, que envolve aspectos cognitivos, afetivos, motores e sociais. Inserir práticas pedagógicas que considerem a natureza como espaço de aprendizagem permite que as crianças construam uma relação de pertencimento e respeito com o meio ambiente. O projeto "A arte que brota do chão" surgiu com o objetivo de proporcionar experiências sensoriais e criativas às crianças, utilizando tintas naturais produzidas com ingredientes simples e acessíveis, como forma de valorizar a sustentabilidade e a arte na infância.

A proposta partiu da necessidade de ampliar as formas de expressão e de interação das crianças com os elementos da natureza, considerando também o aspecto inclusivo, uma vez que a turma conta com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante o desenvolvimento da atividade, percebeu-se um alto grau de envolvimento dos alunos, o que demonstrou a relevância da abordagem adotada.

A metodologia empregada está ancorada na abordagem qualitativa, com ênfase na observação participante e no registro das interações das crianças com os materiais propostos. O referencial teórico baseia-se nas ideias de autores como Malaguzzi (1999), Freire (1996) e Barbosa (2010), que defendem uma educação sensível, dialógica e voltada para a escuta das crianças. Os resultados obtidos reforçam a importância de experiências educativas que integrem arte, natureza e inclusão.

Este artigo apresenta uma síntese dessa experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), discutindo os impactos no desenvolvimento infantil, a importância da utilização de materiais naturais na prática educativa e o papel do educador como facilitador de aprendizagens significativas. Ao final, são apresentadas reflexões sobre a continuidade do projeto e a necessidade de estudos complementares sobre práticas sustentáveis na educação infantil.

METODOLOGIA

O trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, voltada para a compreensão das experiências vividas pelas crianças durante as oficinas com tintas naturais, conforme Gil (2023). A pesquisa foi realizada com 20 crianças na faixa etária de 4 anos de uma creche pública municipal localizada no município de Duque de Caxias (RJ).



Para a produção deste relato de experiências foi utilizada a metodologia da observação participante, diário de campo, fotografias e registros das falas das crianças durante a atividade. As tintas foram produzidas com elementos como açafrão, farinha de uva, colorau, argila e cola branca. Os pincéis foram confeccionados artesanalmente com elementos encontrados no próprio ambiente: gravetos, folhas, mato e barbante (tabela 1). As atividades foram realizadas ao ar livre, em um espaço apropriado e seguro.

PLANEJAMENTO DAS OFICINAS				
	Duração	Materiais utilizados	Forma de preparação	Desenvolvimento
Dia 1	60 minutos	Cola, água, colorau, açafrão, farinha de uva, rolinhos e pincéis.	Para a mistura foi utilizado vários tipos de temperos em pó misturados com cola e água.	A proposta foi desenvolvida no espaço externo da sala de aula, onde forramos a mesa com papel pardo de grande extensão para que as crianças pudessem explorar livremente a pintura.
Dia 2	60 minutos	Cola, água, argila em pó nas cores, vermelha, preta, azul e verde. Pincéis de graveto, folhas e mato.	Para a mistura foi utilizado argila em pó em cores variadas, cola e água. Os pincéis foram confeccionados com gravetos e folhas de plantas diversas amarradas com um barbante de algodão.	Optamos por realizar a atividade ao ar livre, o que contribuiu significativamente para a motivação das crianças. O uso de materiais naturais reforçou não apenas o conteúdo artístico, mas também os princípios da educação ambiental na educação infantil.

Tabela 1: Planejamento das oficinas. Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Entre as falas registradas, algumas se destacaram por sua espontaneidade e criatividade. A atividade foi muito bem recebida pelos alunos, que demonstraram grande entusiasmo e criatividade. Alguns expressaram tanta empolgação que não limitaram sua criatividade apenas ao papel, mas ampliaram na exploração sensorial da pintura em seus corpos.

Os registros foram analisados de forma descritiva e interpretativa pelas autoras, identificando categorias como criatividade, sensorialidade, interação social, inclusão e envolvimento emocional. Este artigo é um relato pessoal de uma experiência pedagógica, realizada no âmbito do Pibid, com objetivo exclusivo de fomentar discussões próprias do



ensino, assim dispensa de registro no Sistema CEP/Conep, conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016, art. 1º, inciso VIII.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica do projeto desenvolvido encontra-se na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (2000), que destaca o papel do outro e da mediação no processo de aprendizagem. Malaguzzi (1999), criador da abordagem Reggio Emilia, enfatiza a escuta e o respeito às múltiplas linguagens infantis, sendo a arte uma delas. Freire (1996) contribui com sua visão dialógica da educação e o compromisso com a construção de um mundo mais justo e sensível.

A Educação Infantil é o espaço e o tempo onde grandes descobertas e importantes memórias afetivas são construídas. Lima (2020) entende que diferentes propostas pedagógicas despertam e fortalecem os interesses e as curiosidades das crianças. Tomando tal compreensão como fundamental ao se planejar ações para a faixa etária de 1 a 5 anos, dialogamos com autores que defendem que esta etapa da Educação Básica deve proporcionar experiências e vivências pautadas em situações do cotidiano, da vida e da natureza.

Barbosa (2010) e Ostetto (2004) reforçam a importância da arte na infância como forma de expressão e leitura de mundo. A pedagogia da escuta, proposta por Rinaldi (2006), é um pilar essencial deste trabalho, pois sustenta a ideia de que as crianças têm voz, pensamento e protagonismo. Essas abordagens convergem para a valorização da natureza como espaço educativo, defendendo uma relação ética e estética com o meio.

Acreditamos que a escuta ativa e o olhar sensível do educador promovem contextos de aprendizagem mais ricos, nos quais as crianças podem se expressar livremente por meio da arte, respeitando seus próprios ritmos e descobertas. A conexão entre natureza e expressão artística é enfatizada por estudiosos da infância, como Carvalho (2015), que defende que a natureza oferece às crianças tudo que ela precisa para a criação.

Piorski (2016) nos convida a perceber as cores, formas, cheiros e sons do mundo ao nosso redor. Para ele, é essencial que as crianças tenham oportunidades de experimentar a materialidade do mundo natural, explorando os limites de seus próprios corpos e resistindo à lógica consumista que permeia a sociedade. Ao abordar a gestualidade do corpo infantil, os elementos da natureza e as narrativas construídas pelas crianças, o autor sugere que vamos



nos reencontrando com memórias que quase se perderam diante da rigidez adulta e da rotina consumista (Piorski, 2016).

Ainda na perspectiva de Piorski (2016), é a própria materialidade do brincar que dá forma à imaginação e ao ato criativo. O autor defende que cada gesto, som ou silêncio carrega em si uma maneira de dizer algo sobre o mundo. Assim, práticas como as descritas neste texto incentivam a liberdade de imaginar e criar na infância. Compreendemos que a criação não surge no vazio; ao contrário, ela nasce das experiências concretas vividas no mundo. Aprendemos e produzimos sentidos a partir das relações que estabelecemos com o outro e com tudo o que nos cerca. Para o autor, o trabalho da infância está vinculado à criação contínua de imagens relacionadas ao início das coisas, à estrutura e à grandeza do mundo, ao impacto dos acontecimentos e aos elementos fundamentais da vida (Piorski, 2016).

Essa compreensão dialoga com as reflexões de Horn e Barbosa (2022), que apontam para o crescente afastamento das crianças em relação à natureza e aos elementos naturais. Louv (2018) também chama a atenção para o que denomina como Transtorno do Déficit de Natureza, especialmente presente na infância.

Tiriba (2018) critica a lógica escolar que mantém as crianças por horas confinadas em salas de aula, afastadas do sol, do vento, da chuva e da terra, e propõe o conceito de “desemparedamento” como forma de romper com esse confinamento. Inspirada por essa perspectiva, a instituição tem incorporado ao seu projeto político-pedagógico tal conceito, buscando promover experiências mais sensíveis e integradas ao ambiente natural.

Defendemos, assim como o fazem Horn e Barbosa (2022), que há um elemento de imprevisibilidade nas ações infantis, tanto nos movimentos quanto nas produções que realizam. Ressaltam também o papel fundamental da educadora, que, ao escutar as crianças, valorizar suas expressões, oferecer materiais e formular perguntas, contribui significativamente para que os pequenos estabeleçam relações e vivenciem experiências marcadas pela interação com os elementos da natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as oficinas, observou-se um alto grau de engajamento por parte das crianças. Elas demonstraram entusiasmo ao manipular os materiais, criar cores e explorar diferentes



formas de aplicação das tintas. Expressões como cantar durante a pintura, perguntar sobre os elementos utilizados e sugerir nomes para as cores demonstram o envolvimento emocional e a autonomia das crianças.

Uma das alunas chegou a cantar enquanto pintava, outra disse que a mistura com o colorau ficou da cor laranja, um aluno sugeriu que o amarelo do açafrão fosse de banana, demonstrando prazer e envolvimento com a proposta. Ao final da atividade, as crianças relutaram em voltar para a sala de aula, pois estavam muito envolvidas e queriam continuar pintando. E continuaram por mais um tempo. É importante destacar a participação ativa dos dois alunos autistas da turma. Um deles mostrou curiosidade ao misturar duas cores diferentes de tinta, explorando texturas e tonalidades de maneira espontânea.

Ao experimentar o colorau, uma criança disse: *"Essa tinta parece molho de comida!"*. Outra, ao misturar açafrão e farinha de uva, exclamou: *"Olha, virou uma cor de pôr do sol!"*. Um dos alunos autistas comentou, enquanto passava o pincel sobre o papel: *"Eu gosto do barulho da folha riscando, é calminho"*. Uma criança disse para a amiga: *"Faz uma flor bem grandona com a tinta roxa!"*. Outra perguntou: *"Se misturar tudo vira arco-íris?"*. Esses relatos revelam a potência sensível da atividade e como ela provocou diferentes percepções e associações nas crianças.



Imagem 1: Algumas imagens das propostas desenvolvidas. Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Falas como *"Minha cor vai se chamar rosa do mato!"*, ou *"Parece terra molhada!"* enriqueceram a experiência e mostraram como a linguagem verbal emergiu naturalmente durante a prática artística. Além disso, uma criança, ao ver o colega autista interagindo com a



tinta, comentou: *"Olha, ele tá pintando igual eu!"*, revelando sensibilidade e inclusão espontânea no grupo.

Outra aluna, observando o resultado de sua pintura, afirmou: *"Esse é meu jardim secreto!"*. Uma das crianças comentou com o educador: *"Tia, essa tinta cheira gostoso, posso levar pra casa?"*. Ao final da atividade, uma criança disse: *"Foi o melhor dia do mundo!"*. A atividade também evidenciou aspectos inclusivos, com a participação ativa dos dois alunos autistas, que se mostraram curiosos e confortáveis ao interagir com as tintas e seus colegas. Isso reforça que a proposta atendeu a diferentes necessidades e respeitou os ritmos individuais.

A montagem de um varal com os trabalhos das crianças no corredor da escola foi uma ação simbólica e afetiva que promoveu o reconhecimento da produção infantil pela comunidade escolar, contribuindo para a autoestima dos pequenos artistas. Além disso, os registros visuais e orais contribuíram para a construção de um portfólio coletivo da turma, com relatos, desenhos e fotografias que documentaram a evolução das experiências. Esse material será utilizado para rodas de conversa, avaliações formativas e reuniões pedagógicas.

Ao realizar uma atividade em contato direto com a terra, com os cheiros dos temperos e a brisa do ambiente externo, as crianças fortaleceram vínculos com a natureza. Essa vivência permitiu que sentissem o chão como extensão do espaço educativo, percebendo a beleza nos elementos simples do cotidiano. Uma criança comentou: *"A terra é quente e fofinha, igual cobertor de areia"*. Essa percepção afetiva demonstra como a natureza pode ser

acolhedora e educativa.

Estudos como os de Louv (2005) apontam para o "transtorno por déficit de natureza", provocado pelo afastamento da vida ao ar livre. Em contraponto, essa atividade mostrou-se promotora de bem-estar, alegria e tranquilidade, o que é fundamental para a saúde emocional na infância. A natureza, nesse contexto, atuou como mediadora da aprendizagem e do equilíbrio emocional. Barros (2018) afirma que o convívio com a natureza na infância ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar



decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança. Isso sem falar nos benefícios mais ligados aos campos da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento.

Também foi possível observar a curiosidade científica emergente nas crianças, que levantaram hipóteses, experimentaram misturas e fizeram perguntas sobre os materiais. Tais atitudes demonstram a importância de ambientes educativos abertos à investigação e à experimentação. Hai *et al* (2020) afirma que quanto maior e mais diversificado os experimentos guiados às crianças, mais rico e plural se torna seu desenvolvimento e seu pensamento sobre o mundo ganha mais complexidade. Aguiar (*apud* Moraes, Lima e Carvalho, 2021), enfatiza o papel ativo do professor na Educação Infantil, planejando e organizando ambientes ricos que favoreçam a exploração e potencializem as interações educativas. Coadunando com as ideias das autoras, entendemos que a professora ao propor tais atividades contribui de uma forma assertiva para o desenvolvimento integral da criança pequena, estimulando-a e ensinando-a por meio das ciências e das artes a descobrir mais de si e do mundo.

Apesar dos resultados positivos, alguns desafios foram observados. A coleta de materiais exigiu planejamento prévio e a coordenação com outros profissionais da escola.

Houve também resistência inicial de uma criança em tocar os ingredientes naturais, por medo da textura, o que exigiu paciência e incentivo da equipe. Em outro momento, o vento dificultou a organização dos materiais no ambiente externo, levando os educadores a improvisarem proteções com caixas e panos.

Esses pequenos entraves, no entanto, foram superados com criatividade e cooperação entre os professores e alunos, demonstrando a importância de flexibilidade e escuta atenta nas práticas pedagógicas.

Outro aspecto a ser considerado foi a necessidade de mais tempo para a secagem das obras antes da exposição. A experiência evidenciou que o uso de materiais naturais exige uma organização diferenciada, porém extremamente recompensadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





A experiência relatada neste artigo demonstra que práticas pedagógicas sensíveis e sustentáveis são possíveis e desejáveis na Educação Infantil. A utilização de tintas naturais proporcionou um aprendizado significativo, despertou o interesse das crianças, favoreceu a inclusão e promoveu o contato direto com a natureza.

O projeto "A arte que brota do chão" revelou-se um caminho fértil para a valorização da expressão artística, da criatividade e da consciência ambiental desde os primeiros anos escolares. O sucesso da proposta aponta para a necessidade de ampliar iniciativas semelhantes em outras instituições de ensino, reforçando a importância da formação continuada de professores em temáticas como arte, natureza e inclusão.

Por fim, reforçamos o potencial das abordagens pedagógicas que escutam e respeitam as crianças, e que reconhecem no ambiente natural uma potente ferramenta de aprendizagem. Destacamos que dentro dessa perspectiva pedagógica de aprendizagem a criança tem papel central, pois estas atividades devem proporcionar a elas espaços de interação, interpretação e possibilidades de intervenção com o objetivo de consolidação dos conceitos aferidos nos fenômenos observados.

Como continuação dessa proposta, planeja-se incorporar novas oficinas com outros elementos naturais, como carvão vegetal, beterraba, folhas trituradas e urucum, ampliando a paleta de cores naturais disponíveis. Também pretende-se desenvolver registros gráficos e orais com as crianças, promovendo momentos de reflexão sobre o processo criativo.

Além disso, está prevista a construção de uma horta pedagógica com as crianças, integrando o conhecimento sobre o ciclo de vida das plantas, compostagem e cuidado com o solo, o que fortalecerá os vínculos com a terra e os princípios da agroecologia desde a infância.

Há também a intenção de promover encontros com as famílias, em que os responsáveis possam participar de oficinas com os filhos, conhecendo mais sobre os processos educativos e estreitando os laços com a escola. Esses momentos de integração contribuem para a construção de uma comunidade educativa participativa e sensível.

AGRADECIMENTOS





Agradecemos à equipe da creche, às crianças da Turma 43 e às famílias pela confiança e colaboração, bem como à Universidade do Grande Rio e ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo apoio à realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação como mediação cultural*. São Paulo: Cortez, 2010.

BARROS, Maria Isabel Amando de. *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

CARVALHO, Eliane. Natureza e infância: relações possíveis. *Revista Educação Ambiental em Ação*, n. 51, 2015. Disponível em: <https://educacaoambiental.cienciamao.usp.br>. Acesso em: [colocar a data de acesso].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAI, Alessandra Arce; SILVA, Débora A. S. M. da; VAROTTO, Michele; MIGUEL, Carolina Costa. *Ensinando ciências na Educação Infantil*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2020.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos*. Porto Alegre: Penso, 2022.

LIMA, Izenildes Bernadina de. *A criança e a natureza*. Curitiba: Appris, 2020.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. São Paulo: Aquariana, 2005.

MALAGUZZI, Loris. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2006.

MORAES, Tatiana Schneider Vieira; LIMA, Elieuzza Aparecida de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Em defesa da atividade de professores e crianças: reflexões sobre a iniciação científica na Educação Infantil. *Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 39, n. 1, p. 1-19, jan./mar. 2021.





OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação infantil: múltiplas linguagens na construção de conhecimentos*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RINALDI, Carlina. *In dialogue with Reggio Emilia: listening, researching and learning*. London: Routledge, 2006.

SASSERON, Lúcia Helena. Interações discursivas e investigação em sala de aula: o papel do professor. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (org.). *Ensino de Ciências por investigação*. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

TIRIBA, Léa. *Educação infantil como direito à alegria*. Petrópolis, RJ: Paz e Terra, 2018.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

